

**“CINCO SEMANAS NOS ESTADOS
UNIDOS”: RELATO DE LAURA LACOMBE
(1930)**

BILROS v. 13, n. 27, ago – dez, 2025

Lidemberg Régis Santos Dantas

Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Centro de Educação; Programa de Pós-Graduação em Educação. Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e mestrando em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFRN), com pesquisas na área de história da educação. E-mail: lindemberg.dantas1@gmail.com

Olivia Moraes de Medeiros Neta

Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Centro de Educação; Programa de Pós-Graduação em Educação. Professora do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFRN) e do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP/IFRN). E-mail: olivia.neta@ufrn.br

“CINCO SEMANAS NOS ESTADOS UNIDOS”: RELATO DE LAURA LACOMBE (1930)

“CINCO SEMANAS NOS ESTADOS UNIDOS”: REPORT BY LAURA LACOMBE (1930)

Lidemberg Régis Santos Dantas
Olivia Moraes de Medeiros Neta

RESUMO

Este estudo objetiva apresentar o relato intitulado “Cinco semanas nos Estados Unidos” de Laura Lacombe após a viagem ocorrida, em 1930, através da Excursão Pedagógica à convite e financiada pela Carnegie Endowment e promovida pela Associação Brasileira de Educação. Utilizamos o método histórico, conforme Rüsen (2015), e usamos as fontes localizadas no Arquivo Carmem Jordão, vinculado à Associação. Identificamos que o itinerário incluiu visitas à diversas escolas, além de instituições inseridas no movimento de internacionalização da educação e da formação. Para Laura, compreendemos que essa viagem representava uma oportunidade de contribuir com a educação nacional a partir da sua formação e legitimação no campo educacional como especialista através da produção de relatos. Como resultados da viagem, a educadora se especializou com o acompanhamento por uma especialista da *Junior High School* e, através da sua articulação com o *Rosemont College*, obteve a reserva de vaga na escola para uma aluna brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: História transnacional da educação. Associação Brasileira de Educação. Relato de viagem. Laura Lacombe.

ABSTRACT

This study aims to present Laura Lacombe's report entitled “Cinco semanas nos Estados Unidos” following her trip in 1930, through the Educational Tour invited and funded by the Carnegie Endowment and promoted by the Associação Brasileira de Educação. We used the historical method, according to Rüsen (2015), and sources located in the Arquivo Carmem Jordã, linked to the Associação. We identified that the itinerary included visits to several schools, as well as institutions involved in the internationalization of education and training. For Laura, we understand that this trip represented an opportunity to contribute to national education based on her training and legitimacy in the educational field as a specialist through the production of reports. As a result of the trip, the educator specialized with the guidance of a Junior High School specialist and, through her connection with Rosemont College, obtained a place at the school for a Brazilian student.

KEY WORDS: Transnational history of education. Associação Brasileira de Educação. Travel report. Laura Lacombe.

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva apresentar o relato intitulado “Cinco semanas nos Estados Unidos” da educadora católica Laura Jacobina Lacombe, após sua viagem aos Estados Unidos ao lado de outros professores ocorrida, em 1930, através da Excursão Pedagógica à convite e financiada pela instituição norte-americana *Carnegie Endowment* e promovida pela Associação Brasileira de Educação (ABE).

A partir da compreensão de Barros (2020) acerca da importância da problemática para o desenvolvimento da investigação histórica, nos orientamos a partir da seguinte: qual o itinerário percorrido pela educadora na viagem pedagógica? E ainda, o que essa viagem representou para Laura? A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de cunho histórico, através da análise documental com o uso de fontes primárias.

Destaca-se que o período da Primeira República (1889-1930), conforme Nagle (2009), representou a passagem do regime imperial para o republicano e apresentou diversas transformações nos setores social, político e econômico da sociedade. Para o autor, a compreensão do campo educacional desse recorte temporal necessita do entendimento de dois movimentos denominados de “entusiasmo pela escolarização” e “otimismo pedagógico”.

Esses movimentos impulsionaram o debate sobre as questões referentes à educação e, assim, o tema da escolarização se tornou privilegiado entre os chamados “grandes problemas nacionais” e como instrumento para a reconstrução nacional. Esse assunto se incorporou nos programas de organizações partidárias e nas discussões de intelectuais educadores, instituições e associações, posteriormente, tratado por técnicos como nova categoria profissional (Nagle, 2009).

Observou-se o surgimento e o desenvolvimento das atividades de impressos pedagógicos, de instituições e de associações. Entre as atividades, se destacavam as ações propostas pela ABE na organização de programações, como por exemplo, cursos, conferências, Semanas de Educação e Conferências Nacionais de Educação. A realização dessas atividades possibilitaram a estruturação e a preocupação com as discussões sobre o problema da educação

em âmbito nacional e, assim, disseminou a preocupação com esse assunto (Nagle, 2009; Dantas, 2024).

Por tais ações, Nagle (2009, p. 140) evidencia que “a ABE representou a primeira e mais ampla forma de institucionalizar a discussão dos problemas de escolarização, em âmbito nacional; em torno dela se reuniram as figuras mais expressivas entre os educadores, políticos, intelectuais e jornalistas [...]”. Esse excerto demonstra as iniciativas da Associação no tratamento do problema da educação nacional e a amplitude dessas ações propostas no cenário educacional e, assim, indica sua importância para a compreensão da educação, neste caso, no período da Primeira República.

Ainda em funcionamento, Carvalho (1998) aponta que a ABE surgiu em outubro de 1924, na Escola Politécnica, localizada no Rio de Janeiro, através da atuação de Heitor Lyra da Silva e de sua mobilização ao lado de outros educadores (Carvalho, 1998). Sobre a sua organização interna, a instituição estava estruturada a partir de órgãos diretivos (conselho diretor e diretoria), de sócios, de seções e de departamentos estaduais.

Essas seções eram organizadas por temáticas – ensino primário, ensino secundário, ensino superior e técnico, entre outras – e funcionavam como espaços de debate, proposição de cursos, conferências e inquéritos. Já os departamentos se constituíram como extensões da Associação nos estados do Brasil e possibilitavam a organização de eventos e a troca de informações.

Abordamos o objeto de estudo a partir da história transnacional da educação inserida no movimento de importação-exportação de ideias. Para tanto, Medeiros Neta (2023) pontua que “a história das ideias pedagógicas e das práticas educativas [...] nos permite compreender as diferentes formas pelas quais foram concebidos e conduzidos os processos educativos ao longo dos séculos”.

Nesse cenário, Houssaye (2007) aponta a pedagogia como construída a partir de diversos pedagogos de origens diferentes, o que revela a presença da circulação de ideias na sua constituição. O autor, portanto, entende que os pedagogos se constituem como transmissores-difusores e viajantes com posturas divergentes quando se deseja importar ou exportar uma pedagogia.

Respectivamente, no primeiro caso – quando se deseja importar uma pedagogia – os pedagogos adotam uma postura de nacionalismo, enquanto no segundo se impõe uma

perspectiva positivista, isto é, de generalização. Já o sucesso depende do contexto, de agentes de difusão através da sua despersonalização e de discursos de renovação (Houssaye, 2007).

A partir disso, o estudo da circulação das ideias através do movimento de importação-exportação possibilita a compreensão da constituição da pedagogia como resultado de diversas trocas, filiações e influências (Medeiros Neta, 2023). Segundo Medeiros Neta (2023), entre as possibilidades do entendimento desse movimento, se encontra a história transnacional da educação.

Essa abordagem não se limita ao Estado-Nação e as fronteiras nacionais como unidade de análise, considera a educação em um contexto mais ampliado e contextualiza as relações de atores estatais e não estatais (Vera; Fuchs, 2021). Ao encontro desta compreensão, Medeiros Neta (2023) enfatiza que essa abordagem de pesquisa proporciona, através da superação do nacional, o entendimento das relações entre sujeitos, instituições e sistemas educacionais de países diversos.

Struck, Ferris e Revel (2011), por sua vez, evidenciam a história em perspectiva transnacional como uma abordagem de estudo, a qual considera o espaço nacional como importante na análise do objeto de investigação. Para os autores, assim, não se restringe à essa escala e, desse modo, expande a sua dimensão espacial a partir das relações transfronteiriças, o que favorece uma compreensão mais abrangente.

Essa abordagem compreende, segundo Struck, Ferris e Revel (2011, p. 573), que “[...] historical and social processes cannot be apprehended and understood exclusively within customary, delineated spaces or containers, might they be states, nations, empire or regions”¹. Diante disso, os autores indicam que entre os objetos da história transnacional, se encontram as viagens.

Os reformadores se interessaram com as realizações no estrangeiro e, assim, atuaram para o conhecimento das experiências operadas no exterior, como por exemplo, a promoção de viagens de professores. Já os educadores utilizaram de diferentes ações para o contato com o considerado moderno, tendo como objetivo atuar na mudança do cenário da educação nacional a partir das experiências relacionadas à educação e ao ensino encontradas no fora do território brasileiro (Mignot; Gondra, 2007).

¹ Em tradução livre, “[...] os processos históricos e sociais não podem ser apreendidos e compreendidos exclusivamente dentro de espaços ou recipientes habituais e delineados, sejam eles Estados, nações, impérios ou regiões”.

Durante diversos momentos da história, segundo Gondra (2010), a prática das viagens se tornaram objeto privilegiado de diferentes sujeitos, entre os quais se encontrava indivíduos vinculados ao campo educacional a partir de projetos. Esses deslocamentos se constituíram como “[...] técnica de investigação e de conhecimento, como prática de observar, experimentar, comparar e produzir conhecimento sobre o *outro*” (Gondra, 2010, p. 13, grifo do autor).

Por tais motivos, esses dispositivos empreendidos por educadores, possibilitavam o contato com o universo estrangeiro e, através do exercício de observação, proporcionavam uma experiência diferenciada (Gondra, 2010). Assim, essas viagens, conforme Gondra (2010, p. 14), “[...] terminava por investir o viajante de um saber que incrementava seu capital intelectual e político”, enquanto que “[...] o relato da viagem, menos que uma descrição imparcial, transforma-se em um efetivo instrumento e forma de exercício de poder”.

Desse modo, o retorno dos viajantes adquiriam uma outra feição, tornavam-se especialistas após a apreensão das ideias nos assuntos observados e estudados. Investidos de novos saberes, portanto, os viajantes retornavam e, por vezes, ministravam diversos eventos (cursos e conferências) e produziam, a partir das travessias, discursos reunidos em produções textuais, como por exemplo, os relatos de viagem. Esses eventos e os produtos desses deslocamentos se tornavam instrumentos de divulgação dos conhecimentos científicos.

O MÉTODO HISTÓRICO COMO METODOLOGIA

Utilizamos o método histórico, conforme Rüsen (2015), como metodologia para o desenvolvimento da investigação. Segundo o autor, esse método consiste na sistematização do itinerário de pesquisa a partir de três estratégias cognitivas – a heurística, a crítica e a interpretação – que orientam desde a formulação da problemática até a organização das suas respostas.

O primeiro procedimento do método – a heurística – consiste em duas partes: a busca pela formulação da pergunta histórica e a descoberta das respostas empíricas. Essas partes se relacionam e, assim, orientam que a construção da pergunta parte do caráter de inovação em virtude da historiografia já produzida, da reflexão da experiência histórica ainda não apreendida e da descoberta das informações pertinentes como respostas à questão empreendida (Rüsen, 2015).

Tendo em vista que a problemática da pesquisa direciona o pesquisador aos locais onde a documentação histórica se encontra (Rüsen, 2015), utilizamos o acervo localizado no Arquivo Carmem Jordão, vinculada à Associação, como por exemplo, atas das sessões do conselho diretor da instituição e edições da Revista Schola. Acerca da pesquisa em arquivo físico, Farge (2009, p. 58) compreende a importância de “[...] tomá-lo como um suporte que permita ao historiador buscar outras formas de saber que faltam ao conhecimento”. Assim, a autora sinaliza que esses espaços se constituem como locais privilegiados, onde se possibilita o encontro do pesquisador com o saber ainda não apreendido pela historiografia.

O primeiro contato com o arquivo impõe gestos simples de manuseio do conjunto de documentos e, através das diversas consultas e de uma leitura paciente, os manuscritos são percorridos por olhos atentos, por vezes, em meio aos obstáculos em virtude do decurso do tempo ou das ações humanas. A manipulação desses materiais e o constante movimento de reorganização conferem novas formas de visualizar o arquivo (Farge, 2009).

Após a leitura dos documentos, se realiza sua separação a partir de gestos, como por exemplo, o de fotocópia (Farge, 2009). Nesta pesquisa, a conversão de fontes impressas em digitais ocorreu com o uso do aplicativo móvel e gratuito “*Microsoft Lens*”, o qual possibilitou o escaneamento dos documentos localizados no Arquivo Carmem Jordão e auxiliou no seu processo de digitalização. Esses procedimentos empreendidos na digitalização dos documentos impressos revelam as transformações no ofício do historiador a partir da inserção das tecnologias no fazer histórico.

Durante a coleta da documentação no arquivo físico, o recolhimento das informações pelo pesquisador, orientado pelo recorte temporal e de espaço, não se restringe ao diferente, mas também ao semelhante. Além disso, a pesquisa nesse local impõe a necessidade de separação dos documentos e, assim, o que selecionar e abandonar o não essencial, constituindo-se como uma importante questão ao historiador (Farge, 2009).

Entre as armadilhas e tentações presentes nos arquivos ao trabalho do historiador, se encontra o perigo da identificação com o objeto de estudo. Essa postura consiste na busca a partir das fontes da reafirmação das suas hipóteses iniciais e, por vezes, ocasiona o não reconhecimento de questões pertinentes, como por exemplo, diferenças e exceções (Farge, 2009).

Sobre essa postura, Farge (2009, p. 72) aponta como “perigosa, todavia, porque esse jogo de espelhos bloqueia a imaginação, imobiliza a inteligência e a curiosidade, permanecendo confinado em caminhos restritos e sufocantes” e, assim, “identificar-se é anestesiá-lo o documento e a compreensão que se pode ter dele”. Por tais motivos, o confronto com a documentação histórica se apresenta como necessário a partir da sua interrogação e através da busca do historiador de compreendê-la (Farge, 2009).

Em seguida, a crítica corresponde, segundo Rüsen (2015), ao segundo procedimento do método, o qual se avalia, após a busca e reunião das fontes pertinentes à resposta da pergunta histórica, e se obtém os fatos relevantes. De acordo com o autor, esse procedimento se estrutura em três partes: a crítica externa das fontes, a crítica interna das fontes e o critério da possibilidade objetiva.

Respectivamente, a primeira consiste na verificação da autenticidade do documento como fonte ou como falsificação, enquanto a segunda investiga, após a identificação dos materiais empíricos enquanto fontes, as informações contidas e sua qualidade para a resposta da pergunta histórica. O critério de possibilidade objetiva, por sua vez, auxilia na crítica interna ao considerar a historiografia existente como instrumento de análise dos fatos obtidos, tendo como objetivo a coerência entre o saber acumulado e os encontrados nas fontes (Rüsen, 2015).

Para a compreensão da concepção de fonte histórica, nos orientamos a partir das contribuições de Barros (2020), na assertiva de que, esses materiais conferem o caráter científico das investigações históricas e se constituem como vestígios e testemunhas, as quais possibilitam ao historiador o encontro com informações referentes ao passado.

Esses materiais se constituem como meios de acessar os vestígios do passado em virtude da impossibilidade de verificação própria dos historiadores (Barros, 2020). A partir da taxonomia em relação à linguagem e o suporte proposta por Barros (2020), utilizamos durante a investigação as fontes textuais – categoria localizada no âmbito das fontes verbais e, de modo geral, nas consideradas de conteúdo – e convertidas em virtuais.

E, por último, o terceiro procedimento do método – a interpretação – se caracteriza pela organização dos fatos do passado, obtidos a partir do processo de crítica interna das fontes, em sequências temporais. Essa estruturação dos fatos se encontram investidos da explicação, sendo contextualizados e reunidos com o objetivo de responder à questão de pesquisa proposta na heurística (Rüsen, 2015).

Relacionado à esse procedimento, segundo Barros (2020), a função do historiador não se limita a apresentação dos fatos ocorridos, porém, se torna necessário a sua interpretação e compreensão em relação ao passado a partir das informações encontradas nos materiais empíricos, considerando-os enquanto fontes históricas e, assim, meios de vislumbrar os acontecimentos.

OBSERVAR, CONHECER E PROPOR: RELATO DE UMA EDUCADORA

Antes de apresentarmos a viagem aos Estados Unidos de Laura Lacombe, em 1930, se torna necessário a compreensão a partir de Warde (2000), na assertiva de que, a Europa e os Estados Unidos se constituíram como alvos onde o Brasil deveria se espelhar e, a partir da metade do século XIX, circulou nos centros urbanos do Sudeste, as teses de que o Brasil entraria no caminho do progresso ao se espelhar nos Estados Unidos, considerado como o Novo Mundo, e não no Velho Mundo.

Nesse cenário, Cardoso (2017) pontua que as viagens pedagógicas se tornaram mais frequentes ao território estadunidense durante o período republicano, considerado como país de referência na inovação das técnicas e métodos educativos, o que influenciou na recepção de professores estrangeiros para conhecer o modelo educacional. Silva e Góis Junior (2023), por sua vez, sinalizavam que a ABE tinha tendência em se aproximar dos projetos educacionais de diferentes lugares, como por exemplo, os europeus e os encontrados nos Estados Unidos.

Atrelado à essa compreensão, conforme Azevedo (1944, p. 383), a Associação se constitui como uma sociedade que reuniu diversos educadores para o debate dos problemas educacionais através de diversas formas e, assim, se tornou “[...] a primeira que se instituiu no Brasil, com caráter nacional, foi, sem dúvida, um dos instrumentos mais eficazes de difusão do pensamento pedagógico europeu e norte-americano [...]”.

Na primeira página do relato, consta o seguinte questionamento feito por Laura Lacombe: “o que dizer então da bondade simples que caracteriza o Dr. Delgado de Carvalho, que com nosso ‘leader’ a todos capturou e que é tão justamente apreciado nas rodas intellectuaes da America?” (Revista Schola, 1930b, p. 90). O valor atribuído à atuação do educador teve respaldo em virtude da sua participação durante a viagem.

Delgado, então membro do conselho diretor na época, em sua antepenúltima travessia à América do Norte recebeu o convite da “*Carnegie Endowment*” direcionado à Associação, solicitando a escolha de um grupo de dez professores com o objetivo de estudarem assuntos de suas especialidades (Revista Schola, 1930a). Dos dez escolhidos, oito foram selecionados pelo conselho diretor e os dois pelo governo de São Paulo (Revista Schola, 1930b).

Além do convite, a *Carnegie* atuou no financiamento através do custeio da estadia na América do Norte durante a travessia, enquanto o *Institute International of Education* se responsabilizou com a organização do programa (Revista Schola, 1930b). A partir da decisão em favor da realização da viagem, se organizou o processo de envio dos educadores na primeira missão durante as férias (Revista Schola, 1930a).

Como meio de estruturar a viagem, durante a comemoração do dia dedicado ao “Mestre”², vinculado à 2ª Semana de Educação no Espírito Santo, o departamento estadual indicou a criação de bases para o intercâmbio dos professores primários, considerada como a primeira missão ocorrida no Brasil. Esse documento de referência, orientado pelo departamento central da Associação no Rio de Janeiro, apontava as vantagens da travessia para os educadores e ao ensino (Revista Schola, 1930a).

Somente em 1º de janeiro de 1930, os professores partiram em direção aos Estados Unidos a bordo do navio *American Legion*, sendo a maioria escolhidos pelo conselho diretor e dois pelo governo paulista (Revista Schola, 1930b). De acordo com a Revista Schola (1930b, p. 90-91, grifo do autor), sobre os integrantes que formavam o grupo de educadores:

Faziam parte da delegação: — *Noemy Silveira*, assistente do gabinete de Psychologia Experimental da Escola Normal de S. Paulo, que foi estudar "orientação profissional"; *Julieta Arruda*, adjunta da Escola Rodrigues Alves, *Consuelo Pinheiro*, vice-diretora da Escola Manuel Cicero, *Maria Reis Campos*, inspetora escolar e *Laura Lacombe*, a autora destas linhas, vice-diretora do Curso Jacobina, todas empenhadas em estudar o methodo de projectos; o professor *Decio Lyra da Silva* interessado no ensino profissional; os professores *O. B. do Couto e Silva*, assistente do laboratorio de physiologia da Escola de Medicina e o Dr. *Othon-Leonardos* docente de mineralogia da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, que estudaram organização universitaria.

² Para saber mais, consultar: MEDEIROS NETA, Olívia Morais de; PESSOA, Lígia Silva. Nestor Lima e a instituição do Dia do Professor no Brasil. *Cadernos de História da Educação*, [S. l.], v. 22, n. Contínua, p. e214, 2023. DOI: 10.14393/che-v22-2023-214. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/69788>. Acesso em: 14 set. 2025.

Entre os educadores e educadoras enviadas, duas foram selecionadas pelo governo paulista, Eunice Caldas, professora que retornou da viagem por motivos de saúde, e Carolina do Rego Rangel (Revista Schola, 1930b). Os professores do Rio Janeiro estavam envolvidos com a Associação (Cardoso, 2017) e a presença de profissionais somente dos estados carioca e de São Paulo demonstrava as articulações e, por consequência, a organização das regiões no campo educacional.

Sirinelli (2008) aborda a noção de intelectual como ator engajado e de redes de sociabilidades enquanto grupos de intelectuais organizados em torno de uma causa específica. A partir disso, compreendemos que os professores primários estavam reunidos em volta de uma temática comum – a educação nacional – e, assim, utilizaram da viagem como instrumento para a formação em assuntos especializados com o objetivo de contribuir com o contexto educacional brasileiro.

A presença de Laura Lacombe em uma viagem ao exterior não era novidade em sua trajetória. Sobre a participação da educação em viagens pedagógicas, evidenciamos que:

Suas viagens com fins pedagógicos iniciaram-se quando ela teve que auxiliar sua mãe na direção do Curso Jacobina na década de 20. A família Jacobina, tendo consciência de que a jovem Laura ainda não estava preparada para substituir sua mãe no ofício de maior responsabilidade dentro da instituição educacional, começou a pensar em uma solução plausível para que Isabel pudesse descansar dessa função que tomava tanto seu tempo, principalmente a partir do crescimento do colégio nos últimos anos. Por isso, em 1924, Isabel Jacobina Lacombe cogitou trazer uma professora da Europa para tomar conta do colégio, mas o amigo Carneiro Leão, diretor da Instrução Pública na época, sugeriu que ao invés de ela mandar vir alguém de fora, que mandasse Laura à Europa (Caruso, 2006, p. 143).

A partir de Caruso (2006), compreendemos a importância do papel das viagens com fins de estudo e formação na trajetória inicial de Laura Lacombe, com a finalidade de contribuir e, posteriormente, assumir a direção do Colégio Jacobina, e de Carneiro Leão, o qual contribuiu para sua primeira viagem à Europa. O destino escolhido para seus estudos no continente europeu foi, segundo Mignot (2017), o Instituto *Jean-Jacques Rousseau* (IJJR), localizado em Genebra (Suíça).

Acreditamos que a escolha de Genebra como destino estava relacionada com a visão da região na época, a qual era considerada, conforme Houssaye (2007), como a “Meca da pedagogia” e o IJJR tido como a instituição promotora do movimento escolanovista. Além disso, Mignot e Pires (2019) supõem que essa escolha foi impulsionada em virtude da relação

entre Carneiro Leão e *Adolphe Ferrière* através de correspondências, tendo o educador suíço se comprometido com a divulgação do trabalho de Leão e se interessado pela reforma liderada pelo brasileiro.

Sobre o IJJR, Mignot (2017) sinaliza como sendo o destino de diversos viajantes de origens diferentes com o objetivo de estabelecer contato com um repertório de saberes considerados científicos, onde Laura se aproximou de variados educadores do mundo, entre os quais estavam os pioneiros da Educação Nova, e depois selecionada como representante do *International Bureau of Education*, vinculado ao instituto, no Brasil.

Além dessa viagem, Mignot e Pires (2019) abordam que Laura Lacombe esteve outra vez na Europa, quando foi eleita representante da ABE no IV *Congrès International d'Education Nouvelle*, realizado em Locarno (Suíça), em 1927. Segundo as autoras, a representação no evento através da educadora “[...] fazia parte de um projeto maior da entidade de se articular ao movimento internacional de renovação educacional [...]” (Mignot; Pires, 2019, p. 129).

O investimento da ABE em viagens pedagógicas objetivava “[...] contribuir para o aperfeiçoamento do sistema educacional, como de seu professorado; a difusão de métodos de ensino, técnicas consideradas inovadoras e experiências educativas estrangeiras [...]” (Cardoso, 2017). Como meio de publicizar essas experiências e visibilizá-las, segundo Cardoso (2017), eram utilizadas as revistas e jornais, como por exemplo, a Revista Schola, vinculada à Associação.

No quadro seguinte, apontamos o percurso realizado a partir do relato de Laura Lacombe presente na Revista da ABE.

Quadro 1 – Percurso realizado a partir do relato de Laura Lacombe

Data	Percurso realizado e alguns ocorridos
14/01	Antes da chegada em Nova York, se encontraram com Delgado de Carvalho e Lawrence Duggan. Após o desembarque dos educadores, foram transportados em um ônibus próprio ao Hotel Westminster, local escolhido pela proximidade com a Columbia University e onde se hospedaram
15/01	Visitaram à Teachers College, onde assistiram uma aula do professor Wilson sobre organização escolar. Em seguida, participaram de um almoço oferecido pelo International Institute of Education of Teachers College, presidido pelo diretor Paul Monroe, com a presença de sujeitos, como por exemplo, o diretor

	da Teachers College, Sebastião Sampaio, Russel, os professores Kandel e Wilson, entre outros. Posteriormente, assistiram uma aula do prof. Kandel sobre a educação nos diversos países da Europa.
17/01	Visitaram à Montclair (New Jersey), onde foram recepcionados e três inspetores se tornaram responsáveis pelo itinerário de visitação às escolas públicas consideradas como as melhores do país, como por exemplo, a Spaulding School, Edgemont School e Rand School. Durante a noite, participaram de um jantar oferecido no Cosmopolitan Club pelo Institute of International Education, presidido por Stephen Duggan, o qual saudou os professores, momento em que Delgado de Carvalho discursou, entre outros educadores.
18/01	No sábado, todas as escolas estão em descanso e as atividades foram conduzidas para a segunda-feira.
20/01	Visitaram à Horace Mann School. Laura informou que assistiu algumas aulas e esteve presente em uma assembleia semanal da escola.
21/01	Durante a tarde, visitaram o Museu Metropolitano, onde foram recepcionados por seu diretor, Eliot, e que os guiou durante a visitação. Nessa semana, o grupo foi recepcionado pelo presidente da Universidade de Columbia, Nicholas Murray Butler, o qual discursou acerca da história da instituição e sua organização.
–	Laura Lacombe esteve presente em dias sucessivos na Lincoln School, enquanto outras colegas visitaram a Manhattan Industrial High School for girls, o Presbyterian Hospital e a Escola Pública da Rua 108. Nessa mesma semana, foram recebidos por Nicholas Murray Butler, presidente da Columbia University, o qual discursou sobre a história e a organização da dessa universidade. Além disso, receberam os convites de Eliza Butler, irmã de Nicholas, para um chá em Johnson Hall (edifício onde se hospedam mulheres estudantes) e de George Plimpton, um dos directores da casa editora Ginn & Co., para um jantar e, em seguida, mostrou-nos uma interessante coleção de livros escolares, desde os primeiros existentes chamados horn books; Já o Institute of International Education ofereceu um chá no seu escritório central.
27/01	Participaram de um almoço oferecido pela American Brazilian Association, com a presença de diversos professores da Columbia University.
–	Laura Lacombe esteve presente no Lincoln School, enquanto outras colegas visitaram as escolas de Bronxville, as de Scarsdale e a City & Country School da Rua 12. Além disso, continuaram os convites para os chás.
31/01	Partiram para Washington, onde foram recebidos pelo diretor da Pan American Union, Row, e Heloise Brainerd. Durante a tarde, foram recepcionados para um chá pelo embaixador do Brasil, Dr. Gurgel do Amaral.
01/02	Visitaram a Pan American Union, a qual trabalhava com informações referentes ao território da América. Em seguida, foram para a seção de educação no departamento do interior e orientados individualmente por especialistas nos

	assuntos empreendidos para os seus estudos no país, no caso de Laura Lacombe, sua consulta ocorreu com Jessen, especializada em Junior High School. Em Washington, visitaram Bryan School, Junior High School e Potomac School, collegio particular.
–	Em Washington, visitaram a Bryan School, a Junior High School e a Potomac School (colégio particular).
04/02	Estiveram presentes em uma audiência, onde foram recebidos pelo presidente Hoover, o qual dirigiu algumas palavras de saudação para o grupo. Posteriormente, foram conduzidos para a sede da National Education Association, onde Maria Reis Campos expôs sobre a reforma empreendida no Distrito Federal.
05/02	Partiram para Baltimore.
06/02	Visitaram o Department of Education através da condução do inspetor Flowers e recepcionados com saudações pelo diretor da instituição. Nessa visita, foram direcionados pelos inspetores do departamento para diferentes escolas a partir dos assuntos dos interesses dos professores viajantes.
–	Em Baltimore, visitaram à Gwinns Fall Junior High School, à Western Senior High School for Girls, à Baltimore City College for Boys e à Escola Normal. Na Escola Normal, assistiram uma assembleia geral, momento em que Noemy Silveira relata os trabalhos realizados no gabinete de psicologia da Escola Normal de S. Paulo pelo professor Lourenço Filho.
09/02	Partiram para Philadelphia, onde foram recebidos por Miller, vinculado à Universidade da Pennsylvania. Ainda nesse dia, jantaram com Miss Gray, presidente da Teachers Association, e os fez visitar o Graphic Sketch Club.
–	Em Philadelphia, visitaram as seguintes escolas: a Shipley School, a Baldwin School, a Rosemont College, a Swarthmore College (onde ofereceram um almoço e apresentaram o projeto “Scholar-ship” para estrangeiros), a South Philadelphia High School for Girls (onde adotaram o Dalton Plan e foi dirigida por Dr. Lucy Wilson) e o Museu Commercial de Philadelphia (dirigido por Toothaker).
13/02	Chegaram em Boston, onde foram conduzidos para a Universidade de Harvard. Na instituição, visitaram a sua biblioteca, a seção de educação e a seção de desenvolvimento referente à criança.
14/02	Se deslocaram para a Milton Academy, instituição particular voltada para o ensino primário, misto e com a promoção de cursos secundários, organizados entre para meninos e meninas.
15/02	Retornaram para Nova York, momento utilizado para escrever suas conclusões referente aos assuntos do interesse de cada professor para a viagem.
21/02	Embarcaram no Pan America. Apenas seis viajantes embarcaram para o retorno ao Brasil, tendo um retornado por motivos de saúde e três professores decididos à permanecer.

Fonte: Adaptado pelos autores (2025)³.

O quadro apresenta o percurso realizado do grupo de professores e, em especial, de Laura Lacombe durante sua viagem aos Estados Unidos, em 1930. Sua organização se encontra a partir do dia 14 de janeiro, data da chegada às terras norte-americanas até o último dia da travessia com o embarque no Pan America, em 21 de fevereiro.

A partir do quadro e das contribuições de Sirinelli (2008), compreendemos que essa viagem possibilitou a construção de redes de sociabilidade. Como resultados dessas redes, identificamos, a partir da Revista Schola (1930b), a orientação por uma especialista à Laura no assunto de seu interesse e a articulação da educadora católica com o *Rosemont College*, escola de ensino superior e internato voltado às moças, e teve como consequência a reserva de vaga para uma aluna do Curso Jacobina, com isenção de pagamento e admissão sem prestação de exames através da validade do Jacobina na instituição norte-americana.

Durante a viagem, Laura informa que visitou a “[...] séde da National Education Association cujo trabalho muito nos interessou e Maria Reis Campos fez uma rapida exposição sobre a reforma do ensino no Districto Federal” (Revista Schola, 1930b, p. 94). Observa-se que, de acordo com Carvalho (1998), o modelo dessa instituição inspirou a fundação da ABE e, assim, se organizou como núcleo central com extensões em diversos estados brasileiros, denominados de Departamentos Estaduais.

Outra importação da Associação em virtude da *National Education Association* (NEA) ocorreu, segundo Silva e Góis Junior (2023), com a organização das versões brasileiras da *American Education Weeks*, promovida principalmente pela instituição norte-americana nos Estados Unidos. Em reunião do conselho diretor, em 1928, o professor norte-americano e enviado pela NEA – *Lewin Swiggett* – apresentou, entre suas propostas, a instituição no Brasil das Semanas a partir dos ótimos resultados obtidos na América do Norte (Associação Brasileira de Educação, 1928), sugestão adotada e promovida em diversas escolas e regiões diferentes.

Outro destino dos professores foi a *Teachers College* (TC), onde os professores assistiram a duas aulas, uma sobre a organização escolar e outra referente à questão da educação nos países europeus. Durante essa aula, ocorreu uma discussão de professores vinculados à *Lincoln School*, a qual se caracterizava como um estabelecimento de ensino primário e secundário conectado à TC e, segundo Laura, de caráter mais progressista do que a *Horace*

³ Quadro construído com informações extraídas a partir de Revista Schola (1930b).

Mann School, outra escola anexa à instituição. Essas duas escolas serviam como observatório privilegiado e espaço de prática para os estudantes de diferentes países da *Teachers* (Revista Schola, 1930b).

Por tal motivo, compreendemos que a Universidade de Columbia através da TC e a própria *Carnegie Endowment*, organização que propôs à viagem com visita às instituições norte-americanas, estavam inseridas no movimento, descrito por Houssaye (2007, p. 297), de “[...] internacionalização da educação e formação”. Assim, encontravam na recepção dos viajantes estrangeiros oportunidades de promoção da formação e da divulgação dos conhecimentos considerados os mais modernos e científicos voltados à educação e ao ensino.

Outro ponto abordado no relato por Laura Lacombe foi a disparidade das escolas públicas de *New Jersey* em comparação com as de *Washington* e *Baltimore*. Respectivamente, os estabelecimentos localizados no primeiro caso demonstravam uma não separação de raça entre os alunos, modelo presente no Brasil, enquanto que nas duas outras localidades se encontrava essa distinção (Revista Schola, 1930b).

Essa separação causou estranheza por parte da educadora em virtude do *slogan* do país estadunidense intitulado de “Terra da Liberdade” (Revista Schola, 1930b). A observação feita pela educadora sobre a organização dos alunos nas escolas norte-americanas demonstrava que viajar não representava apenas observar e retornar com os conhecimentos difundidos no espaço do outro, mas também comparar e, por vezes, demonstrar as diferenças entre os modelos pedagógicos e as ideias em circulação.

Além dessas instituições visitadas, a travessia da educadora católica esteve e tornou a *Lincoln School* um espaço de seu interesse motivado pelo seu caráter progressista, o qual recepcionava apenas alunos com alto nível de inteligência e não possuía programas impressos em virtude de serem revistos e constantemente aperfeiçoados. Inicialmente, Laura frequentava salas de ensino primário e, posteriormente, começou a observar a escola *Junior High School* (Revista Schola, 1930b).

Observou-se que a criação da *Junior High School* aumentou a frequência dos estabelecimentos escolares de ensino secundário, justificado pelo desenvolvimento da orientação profissional com seus alunos, argumento utilizado pelo diretor do *Department of Education*. Essa escola estruturava os seis anos do ensino primário e estava estruturada em três graus (7º, 8º e 9º), com a divisão em seções – Júnior e Sênior (Revista Schola, 1930c).

Essas duas nomenclaturas eram utilizadas para descrever a organização em que as matérias na seção Sênior se tornavam mais detalhadas do que na Júnior. Através da verificação dos americanos, se compreendeu que a nova orientação em virtude da diferença dos seis anos do primário em comparação com o secundário, o que se reflete na utilização dos métodos, dos programas e das disciplinas (Revista Schola, 1930b).

O último parágrafo do relato destacou, segundo a Revista Schola (1930b, p. 96), o contato com projetos apresentados nas palestras promovidas por indivíduos, vinculados à diferentes instituições norte-americanas, através da viagem considerada por Laura como “[...] um verdadeiro sonho realizado, mas cujo acordar não é triste pois nos sentimos cheios de energia e esperança de poder concorrer com uma pequena parcella para o grande problema da educação no Brasil”.

Assim, além de se constituir como ação de formação para os viajantes mobilizada pela apreensão dos saberes entendidos como científicos e, por consequência, a sua divulgação no retorno ao Brasil, a educadora compreendia essa travessia como uma oportunidade de contribuir com a educação em amplitude nacional através do movimento de importação de ideias.

Segundo Mignot e Pires (2019), a viagem não representava apenas para a educadora um deslocamento para ver o que se produzia em outros espaços. No retorno, os relatos tornavam-se objetos privilegiados ao seu repertório de saberes e também de experiências adquiridas no estrangeiro através de observar, conhecer e estudar o outro (Mignot; Pires, 2019).

Diante disso, as viagens pedagógicas marcaram a trajetória de Laura Lacombe mesmo antes de sua participação como integrante do grupo de professores na travessia com destino aos Estados Unidos, em 1930. Nas palavras de Mignot (2017, p. 332), “[...] desde 1925, buscou aprimorar sua formação em importantes centros de produção e difusão do pensamento educacional no país e no exterior, legitimando-se, assim, como interlocutora capaz de difundir a sua versão da nova pedagogia [...]”, o que demonstrava o valor atribuído pela educadora às travessias como instrumentos formativos e de transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o relato de viagem, observamos diversas menções em diferentes momentos sobre a presença de Delgado de Carvalho, como por exemplo, seu encontro ao lado de *Lawrence*

Duggan, visitante na ABE em 1929, com os viajantes na chegada nas proximidades de Nova York para recepcioná-los e no discurso durante o jantar promovido pelo *Institute of International Education*. A partir desses acontecimentos, do comentário da educadora católica da apreciação do professor no meio intelectual da América e, principalmente, pela participação na organização da viagem, reconhecemos que Delgado teve participação fundamental para a travessia através da sua constituição de redes de sociabilidade nos Estados Unidos.

Destaca-se a posição ocupada pelo país estadunidense como destino privilegiado pelas viagens pedagógicas por educadores brasileiros, objetivando conhecer o que se tinha de mais moderno no país norte-americano e, assim, se atualizar. Desse modo, o relato reforça as viagens como ações de estudo, de formação e de circulação de ideias e modelos pedagógicos entre o Brasil e os Estados Unidos.

Identificamos que o itinerário incluiu visitas à diversas escolas, além de instituições inseridas no movimento de internacionalização da educação e da formação, como por exemplo, a *Teachers College* e a *Carnegie*. Através da viagem empreendida ao lado de outros professores, Laura Lacombe abordou, a partir do seu relato apresentado à ABE, sobre a sua experiência formativa de conhecimento e observação em visitas às instituições voltadas à educação e ao ensino e a sua participação em diversas aulas de professores estrangeiros. Como resultados da viagem, a educadora se especializou com o acompanhamento por uma especialista da *Junior High School* e, através da sua articulação com o *Rosemont College*, obteve a reserva de vaga na escola para uma aluna brasileira.

A partir disso, compreendemos que essa viagem representava para a educadora uma oportunidade de contribuir com a educação nacional a partir da sua formação e legitimação no campo educacional como especialista através da produção de relatos no retorno ao Brasil. Essa posição baseava-se no seu contato com um repertório de saberes considerados científicos, no acompanhamento das experiências na *Lincoln School*, na orientação recebida por uma especialista no assunto de seu interesse e nas redes de sociabilidade estabelecidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. **Acta da 69ª sessão do Conselho Director**. Rio de Janeiro, 14 mai. 1928.

AZEVEDO, Fernando de. A descentralização e a dualidade de sistemas. *In*: AZEVEDO, Fernando de. **A Cultura brasileira**: introdução ao estudo da cultura no Brasil / Fernando de Azevedo. 2ª Ed. – São Paulo: Cia. Ed. Nacional, IBGE, 1944.

BARROS, José D'Assunção. Fontes Históricas: uma introdução à sua definição, à sua função no trabalho do historiador, e à sua variedade de tipos. **Cadernos do Tempo Presente**, [S. l.], v. 11, n. 02, p. 03–26, 2020. DOI: 10.33662/ctp.v11i02.15006. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempo/article/view/15006>. Acesso em: 3 set. 2025.

CARDOSO, Silmara Fatima. Experiências de formação e narrativas educacionais de professores brasileiros em viagem aos Estados Unidos (1929-1935). **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 2, n. 5, p. 359-377, 2017. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2017. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/3481>. Acesso em: 4 jul. 2025.

CARUSO, Andrea Soares. **Traço de União como vitrine**: educação feminina, ideário católico e práticas escolanovistas no periódico do Colégio Jacobina. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação. Rio de Janeiro, 2006.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde nacional e fôrma cívica**: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

DANTAS, Lidemberg Régis Santos; MEDEIROS NETA, Olivia Morais de. **A Associação brasileira de educação (ABE) e ações de formação para professores (1924 – 1929)** [e-book]. Natal, RN: Editora FAMEN, 2024.

FARGE, Arlette. Os Gestos da Coleta. *In*: FARGE, Arlette. **O Sabor do Arquivo** / Arlette Farge; tradução Fátima Murad. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

GONDRA, José Gonçalves. Apresentação. *In*: GONDRA, José Gonçalves (Org.). Dossiê: Viagens de educadores, circulação e produção de modelos pedagógicos. **Revista Brasileira de História da Educação**, nº 22, p. 13-16, jan./abr. 2010.

HOUSSAYE, Jean. Pedagogias: importação-exportação. *In*: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José Gonçalves (Orgs.). **Viagens pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007.

MEDEIROS NETA, Olivia Morais de. História das ideias pedagógicas e as importações-exportações: problematizações. **HOLOS**, [S. l.], v. 2, n. 39, 2023. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/15100>. Acesso em: 29 ago. 2025.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Eternizando travessia: memórias de formação em álbum de viagem. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 2, n. 5, p. 330-342,

2017. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2017.v2.n5.p330-342. Disponível em:
<https://www.revistas.uneb.br/rbpab/article/view/3964>. Acesso em: 4 set. 2025.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José Gonçalves. Viagens de educadores e circulação de modelos pedagógicos. *In*: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José Gonçalves (Orgs.). **Viagens pedagógicas**. – São Paulo: Cortez, 2007.

MIGNOT, Ana Chrystina; PIRES, Raquel Lopes. Entre “verdadeiros apóstolos”: uma educadora brasileira no Congrès International d’Éducation Nouvelle (Locarno – 1927). **Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 28, n. 54, p. 125-138, 2019. DOI: 10.21879/faeaba2358-0194.2019.v28.n54.p125-138. Disponível em:
<https://revistas.uneb.br/faeaba/article/view/6185>. Acesso em: 5 set. 2025.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

REVISTA SCHOLA. **Associação Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, jan. 1930a.

REVISTA SCHOLA. **Associação Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, mar. 1930b.

SILVA, Leonardo Mattos da Motta; GÓIS JUNIOR, Edivaldo. Higiene, educação física e subúrbio: o caderno da Escola Nicarágua (1928). **História (São Paulo)**, v. 42, p. e2023011, 2023.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. *In*: RÉMOND, René. **Por uma história política**. [Direção de] René Rémond; tradução Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

STRUCK, Bernhard; FERRIS, Kate; REVEL, Jacques. Introduction: Space and Scale in Transnational History. **The International History Review**, v. 33, n. 4, p. 573-584, 2011.

VERA, Eugenia Roldán; FUCHS, Eckhardt. O transnacional na história da educação. **Educação e Pesquisa**, v. 47, p. e470100301trad, 2021.

WARDE, Mirian Jorge. Americanismo e educação: um ensaio no espelho. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 2, p. 37–43, abr. 2000.

Artigo recebido em novembro de 2025. Aprovado em dezembro de 2025.